

# Cultura



O ESTADO DE S. PAULO

O Estado de S. Paulo - ano I - nº 48 - domingo, 10 de maio de 1981



## Lima Barreto

A vida e a obra do grande  
escritor brasileiro, por Lêdo Ivo  
e Francisco de Assis Barbosa

de  
no  
de  
e por  
tudo  
e por  
3

Nascido no Rio de Janeiro no dia 13 de maio de 1881, Afonso Henriques de Lima Barreto deixou uma obra de ficção que traduz, em suas contradições e até mesmo em suas oscilações estéticas, um aspecto importante da realidade brasileira. Com as armas do sarcasmo e da caricatura, o romancista investe contra o poder, satiriza governantes e chefes militares, políticos, donos de jornais,



capitalistas, confrades afortunados, levantando uma profusa galeria de tipos que ilustram a literatura como crítica social. Neste artigo, escrito especialmente para assinalar o transcurso do centenário de nascimento do escritor, Lêdo Ivo mostra as peculiaridades da obra do criador de Policarpo Quaresma no contexto da prosa de ficção brasileira no começo do século.

# A AUTORIDADE DO MALOGRO

No patamar de todas as literaturas, ressoam sempre, simultâneas, as vozes dos triunfadores e as vozes dos vencidos. Estas dicções do êxito e do insucesso permitem ao leitor forrar-se da certeza talvez ilusória de que, somando-as ou atento ao seu movimento pendular, lhe será possível ter uma visão abrangente do universo literário, já que elas oferecem a possibilidade de transmitir as duas versões decisivas da arte como criação e testemunho. Assim, ao lado de triunfadores soberbos e inarredáveis como Alencar e Machado, Mário de Andrade e José Lins do Rego, assistimos ao desfile dos que foram marcados pelo estigma da recusa. É o caso típico de Cruz e Souza, Augusto do Anjos, Adeline Magalhães, Lima Barreto e incontáveis outros que, sepultados nos cemitérios literários, integram aquela legião de humilhados e luminosos a que aludiu Jackson de Figueiredo, aliás um dos passantes dessa avenida crepuscular. E, ignorados ou célebres, eles pertencem à tradição maldita que coteja a tradição clássica e oficial das letras, apesar das mudanças de julgamento que nelas se observa.

"I talk with the authority of failure — Ernest (Hemingway) with the authority of success. We could never sit across the same table again." Esta observação de Scott Fitzgerald, recolhida em *The Crack-up*, poderia servir de epígrafe à aventura intelectual humana de Lima Barreto. Para averiguar esse acidente convertido em destino, temos que ir aos subúrbios cariocas — e talvez não exista entre nós um escritor tão visceralmente suburbano como o autor de *Numa e a Ninfa*. Quem o lê tem a sensação de que, diariamente, ele vem do subúrbio, num trem da Central, para a travessia rancorosa do centro da cidade bulhenta e monetária que, com os seus palácios e monumentos, jornais e livrarias, cafés e editoras, simboliza o poder. Sendo o humilhado e ofendido, Lima Barreto, ao se rebelar contra esse poder, porta em si mesmo a marca do consentimento. Os palácios e monumentos, os jornais e editoras, as repartições burocráticas e os ajuntamentos políticos, todos os centros de domínio que o romancista soube tão

bem identificar em seus livros, não só toleram as suas manifestações de desquerer, invectivas e até insultos, como são os elementos essenciais de sua realização estética. Além do mais, sendo Lima Barreto a voz da periferia — desse espaço conservador e *kitsh* —, é um dos defensores de certos ornatos sociais e topográficos da metrópole que verbera. Por toda a sua obra de indistigável romancista de costumes perpassa o seu amor pelas tradições, a fidelidade ao já-visto, um temor às vezes indignado das novidades, uma hostilidade cega aos futurismos que condenam a ordem admirável das letras e das artes, e ameaçam destruir ruas velhas e velhas igrejas ou derrubar as árvores centenárias cantadas por Bilac e Alberto de Oliveira para ceder lugar às avenidas e automóveis. É a belle époque vista pelo avesso.

## As armas da caricatura e do sarcasmo

Qualquer análise atenta do universo textual de Lima Barreto — ou do seu discurso, como costumam dizer os contínuos da PUC — haverá de concluir pelo seu conservadorismo, psicológico ou verbal. Estilisticamente, ele não inova, amoldado à sintaxe consensual dos seus contemporâneos e a uma formação intelectual que se compraz em ser a legatária do século XIX e, assim, desconfiada das novidades trazidas pelos vapores ou literatos viajados. Cotejado com os seus predecessores, como Pompeia ou Machado de Assis, ou seus companheiros de geração mais ousados, como Graça Aranha e Euclides da Cunha, ele significa uma regressão, tanto formal e técnica como estilística. Ao lado de figurantes literários sofisticados, cosmopolitizados e juncados de curiosidades intelectuais diversas — e cujo exemplo mais típico será o de Afrânio Peixoto —, representa o subúrbio que desconfia sempre das inovações. Entretanto, apesar da consabida hostilidade de Lima Barreto em relação a Machado de Assis, ele ostenta, em sua prosa e em seu método de narração, numerosos

sinais de que foi largamente influenciado pelo mulato triunfante que, sendo o seu contrário na vida literária e social, realizou, em si mesmo, as duas revoluções essenciais: a revolução da vida, elevando-se socialmente apesar de sua extração humilíssima, e a revolução literária, com a sua ficção moderna e refinada.

Ao contrário de Machado de Assis, que se mascarou para exercer uma realidade que só se realiza plenamente no espaço da metáfora, Lima Barreto presumiu que a projeção verbal da realidade — que é uma criação e, portanto, a passagem para outro universo — dispensa a intermediação estilística, exclui a máscara capaz de revelar o verdadeiro rosto da vida. E este é o drama que sustenta ao mesmo tempo a sua força e a sua vulnerabilidade. Não tendo compreendido a imposição estética que frema no coração da metrópole, Lima Barreto se condena a produzir uma literatura periférica. Com as armas do sarcasmo e da caricatura, investe contra o poder, satiriza governantes e chefes militares, políticos, donos de jornais, capitalistas, confrades afortunados, levantando uma profusa galeria de tipos que ilustram a literatura como crítica social.

## O eu encravado no texto

Mas cabe aqui a pergunta: será que essa crítica social não está mais eficaz e profundamente engastada na ficção híbrida e sinuosa de Machado de Assis do que no álbum ostensivo de Lima Barreto? Será que o colo deslumbrante de Sofia, no qual fulge o colar de diamantes que simboliza a paixão e a loucura de Brás Cubas, não possui mais eficácia, como condenação à sociedade fundada no poder do dinheiro, do que as histórias de tormento e injustiça de Lima Barreto?

Situado num horizonte em que a literatura era uma revelação da vida e de si mesmo, Lima Barreto imprime aos seus escritos um timbre largamente con-

fessional e autobiográfico, empreendendo uma longa explanação pessoal. Ele não se distancia de si mesmo, não se imparcializa para melhor se aproximar do âmbito individual ou comunitário. O seu eu permanentemente ferido se encrava no texto, mesmo quando alude às paisagens de sua cidade natal, que tanto amou, de um amor deambulatório, que reclamava as aferições periódicas. Dizendo-se, narrando-se, derramando-se em confidências e lembranças, ele vai catalogando suas dores e misérias, desabafos e rancores. Sob esse ponto de vista, foi Lima Barreto o primeiro grande escritor brasileiro a escancarar a sua intimidade, e permitir a revelação de um mundo doméstico martirizado, ao qual não faltaram o selo da alucinação e da loucura ou o cheiro de cachaça e de hospício. O diário íntimo, a correspondência e o incompleto *O Cemitério dos Vivos* compendiam essa exposição pessoal, na qual lateja uma verdade às vezes compromissada com a imaginação libérrima.

Decidido a exprimir a sua sinceridade estilística — e ignorando, talvez, que a arte é o reino das insinceridades tornadas sinceras pela retórica — foi também Lima Barreto o primeiro ficcionista brasileiro a denunciar a língua como expressão de poder. Conforme já demonstrou Antônio Houaiss, o problema gramatical e filológico o perseguiu a vida inteira, suscitando-lhe incontáveis observações e reflexões esparzidas em seus romances, contos, crônicas, correspondências. Entretanto, na avaliação da prosa de Lima Barreto, seria injusto atribuir a despreparo ou desleixo o que nela exprime a deliberação de seguir um padrão literário no qual se inserissem plenamente as virtudes e virtualidades de um estilo correntio e desataviado, habilitado para reproduzir cenas e impressões, tipos e figuras, as paisagens com os seus verdes e os seus azuis, idéias e sensações, embora esquivo às complexidades psicológicas, e ainda à exploração do fisiológico em que se cejavam grossamente os naturalistas.

Tendo verificado que o poder dos homens — seja político, burocrático, literário, militar, religioso ou —

→ econômico — se assenta na linguagem, Lima Barreto soube vulnerar com alta inteligência e não menor malícia um dos aspectos básicos do mundo das relações humanas. Demonstrou que o domínio de certos homens sobre os seus semelhantes se processa através da diferenciação lingüística e da lei gramatical — a qual comparticipa do universo legal e é uma das faces do sistema estabelecido para controlar o movimento da vida. Lima Barreto examinou e interrogou o problema da linguagem e da gramática tornadas instrumentos de classe, de repressão e opressão, e destinadas não a permitir que os homens se exprimam plenamente, e convivam harmoniosamente, mas a impedir que o façam. Ele enxergou em muitos de seus contemporâneos, especialmente nos grandes retóricos como Ruy Barbosa, Euclides da Cunha e Coelho Neto, e nos parnasianos e simbolistas atraídos pelas, a seu ver, chinesices estilísticas, o propósito de usar e cultivar uma língua que impedia a vida real de manifestar-se e que, por isso mesmo, se tornava um meio privilegiado de acuar ou silenciar os homens e inferiorizá-los.

O conto "O homem que sabia javanês" constitui, decerto, uma sátira a esse universo no qual o homem usa a língua como um signo de diferença e de casta e de meio de ascensão social e econômica, isolando-se em proveito próprio em vez de solidarizar-se com os seus semelhantes. E, como o falante individualizado e distinto na verdade não sabe o javanês, a conclusão a se extrair da fábula é que os aborígenes que propalam falar ou saber outra língua — seja a língua artística ou científica, seja o idioma burocrático ou político — estão blefando. O universo da retórica é, portanto, o universo da fraude e da opressão.

No **Triste Fim de Policarpo Quaresma**, a proposta de adoção do tupi como idioma nacional — proposta feita ao Poder e à língua do Poder, representados no episódio pelo marechal Floriano Peixoto — se incrusta num plano insolitamente anedótico e até fabulístico, na obsessão de Lima Barreto por uma língua capaz de exprimir, em sua genuinidade, os falares e dizeres dos dominados e esmagados.

Uma anedota dos tempos de Lima Barreto esclarece o alcance de sua sátira. De Emílio de Menezes dizia-se que gostava de pavonear-se, pela Avenida Central, sobraçando um vistoso livro em alemão que atraía o respeito e o espanto reverente dos demais transeuntes. Diante dessa pomposa propalação de inteligência e sabedoria, um de seus correligionários não se conteve e, um dia, inquiriu-o: "Mas você conhece alemão?" Ao que Emílio de Menezes respondeu majestosamente: "Não, mas conheço o Brasil". Embora conhecendo o Brasil, como o comprovam sua ficção, crônicas, cartas e páginas confessionais, Lima Barreto se recusava a sobraçar, na avenida da vida, o livro em alemão (ou em javanês, ou em economês) que é o passaporte incontestável para abrir as portas do poder, da glória e da consideração pública. Ele exigia da linguagem um ascetismo moral que colide com a sua função mágica. Queria que ela fosse o signo da verdade e não da dissimulação. E esta colisão entre o verdadeiro, prometido pela dicção coloquial e até irregular de seus romances e contos iluminados de cor local, e o falso, gerado pela parafernália retórica indestrin-

çável do dizer e do fazer artísticos, confere à sua obra uma dimensão conflituosa. Como, depois, ocorreria com Graciliano Ramos, o autor de **Histórias e Sonhos** se perguntou, em sua mesa de escritor, o que fazer para que o imaginário fosse ou continuasse real — o que fazer para impedir que a ficção não desrealize esse real que só pode ser realizado desde que atravesse a fronteira da linguagem e se converta num universo verbal. Em toda a ficção de Lima Barreto ressoam tais interrogações. O seu realismo é a resposta a essas perguntas do destino. Ele quis ser fiel a si mesmo e sincero para com os seus leitores. Em sua solidariedade aos humildes e desgraçados, empenhou-se em ser o jogador honrado a quem repugna blefar.

A projeção literária de Lima Barreto situa-se entre a morte de Machado de Assis e a emergência da Semana de Arte Moderna. É o período da agonia do realismo, do naturalismo e do parnasianismo, do florescimento e morte do simbolismo, das afirmações trêmulas do impressionismo. É, esteticamente, um tempo crepuscular que, todavia, não anuncia nenhuma noite, senão a manhã luminosa e viva do modernismo. Isolado nesse horizonte sinuoso, em que as entressombras não conseguem esconder o fervilhar das inquietações artísticas subterâneas, os vagidos das vanguardas que estão nascendo, Lima Barreto costuma sugerir à pedagogia literária um perfil de transição ou antecipação. Daí o ser habitualmente mencionado como pré-modernista ou precursor do modernismo — e isto corresponde a empecenecê-lo ou desfigurá-lo, já que a sua literatura da realidade não se coaduna com o caráter experimental, aristocrático e revolucionário de 22. Além do mais, as estéticas do futuro, nas quais se incluía o modernismo, não se ajustavam às convicções suburbanamente conservadoras de Lima Barreto, romancista moldado pelas grandes lições do realismo do século XIX, e cidadão preconceituoso que se insurgia contra o futebol e o automóvel, o arranha-céu e o nascente processo de cosmopolitização da burguesia brasileira. Mais adequado será reconhecer no autor de **Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá** (seu comovido breviário de nostalgia) um dos expoentes do nosso realismo; e, no seu caso, um realismo em que as marcas de Balzac e Dickens foram transfiguradas pela influência dos romancistas russos, como Gogol, Tolstoi, Dostoievski, Gorki e Turgueniev. E o fato de ter Lima Barreto proclamado especial predileção por Turgueniev, o mais artístico e aristocrático de seus pares, encastoa-se decerto no mistério ou capricho das preferências literárias, que leva à admiração dos contrários, induzindo o bárbaro ao culto do sutil e do delicado, e suscitando neste o preito da irregularidade e da desmedida.

No exame do caso Lima Barreto, também merecem ser acolhidas com reservas as ponderações que, em tom acusatório, transferem para o corpo social a responsabilidade pela boêmia do romancista, ou pela sua desordem intelectual e existencial e falta de método que não lhe teriam permitido criar obras literárias mais altas e finas e menos manchadas pela sujeira da vida e do subúrbio. Isto porque Lima Barreto é precisamente o seu perfil tornado clássico e claro: desajeitado, desordenado, um

pouco desengonçado; algo anárquico apesar da renhida e talvez bisonha preocupação política produzida pelo generoso coquetel ideológico que tanto o embriagou, a ponto de levá-lo a arremetidas utópicas nas quais é facilmente identificável a obsessão pelo destino de sua pátria. E, se esta pátria ferida e atraçoada, que ele retratou nos textos

hoje irrecuperavelmente envelhecidos do **Reino do Jambon** ou da **República dos Bruzundungas**, não lhe chegava a doer à maneira espanhola de Unamuno, constituiu o grande motivo condutor de sua prosa sarcástica ou mesmo insultuosa. Note-se que, mesmo se evadindo pelo caminho das utopias, nas vinhetas cômicas de seus reinos e repúblicas imaginários, Lima Barreto não se arreda de seu posto de observador, não renuncia ao seu tempo histórico. Está sempre no ponto de partida, esmiuçando as misérias nacionais, nascidas, ontem como hoje, do coito danado dos homens com as estruturas. E, nessa crítica rasteira às nossas instituições molengas, saberá sempre, num rude desembaraço, projetar a sua harmonia de escritor ao mesmo tempo dilaceradamente confessional e autobiográfico e enraizadamente populaceiro e classista como o pingüim de louça que, nas casas suburbanas, fica em cima da geladeira da sala de jantar. Nem sempre, porém, a sua crítica política exhibe o sinal da coerência e da fidelidade às suas origens. O retrato cruel de Floriano Peixoto em **Triste Fim de Policarpo Quaresma** avulta como o instante irreparável da cegueira ideológica que tantas vezes o acometia, perfilando-o inclusive como um nostálgico da monarquia, não obstante o interesse com que acompanhou os primeiros lances da revolução soviética. Sendo o primeiro governante a levantar o problema do Brasil como uma nação subjugada pelos interesses externos, Floriano tinha tudo para encher as medidas ideológicas do romancista carioca. Este, porém, o ridiculariza e satiriza. E, assim, o suburbano e xenófobo Li-

reto inclui-se na fileira internacionalista e cosmopolita dos bacharéis e democratas formais que, como Ruy Barbosa, Olavo Bilac e Joaquim Nabuco, se insurgiram contra a sua facúndia contra as violências e arbitrariedades do Marechal de Ferro. Mas o florianismo, que marcou politicamente um escritor do extraordinário porte estético de Raul Pompéia, e o conduziu

ao suicídio, extrapolada do friso galhofeiro em que o retratou Lima Barreto — e continua sendo uma das peças fundamentais da grande questão em aberto da sociedade brasileira, e na qual a liberdade e o autoritarismo reivindicam simultaneamente o seu espaço na receita das medicinas predestinadas a curar este "Brasil imbecil e burocrático" mencionado pelo personagem do conto célebre de Lima Barreto. É singular, aliás, como as figuras da realidade obcecaram Lima Barreto. Como na postulação de Sartre, o seu inferno são os outros, as criaturas do dia e do mundo que ele recolhe, como numa pesca de arrastão, para os seus romances, crônicas e escritos íntimos, muitas vezes sem se dar ao trabalho de efetuar a elaboração artística que transforma o indivíduo da vida real num personagem de ficção, e outras vezes operando a trasladação romanesca por meio de caricatura sumária ou pela deformação grosseira que pretende acentuar um característico físico ou moral. Sua obra de estória, **Recordações do Escrivão** →





A casa da Ilha do Governador onde o autor passou parte de sua infância

—> **Isaías Caminha**, com a qual ambicionou retratar a existência intestina de um grande jornal da época, é uma fervilhante colmeia dessas figuras tiradas à realidade. Nos livros posteriores repetem-se, em doses várias, as diligências em buscar na vida real a pesada ganga humana nem sempre refinada artisticamente. Nessa transposição maciça de figuras e tipos que habitavam ou atravessavam o seu ambiente pessoal, Lima Barreto jamais dispensa o nome investido da função de conferir historicidade às suas narrativas, de datá-las a fim de que elas imponham ao leitor a sua verdade cronológica, como Floriano Peixoto, Pinheiro Machado e tantos outros.

O romancista que fixou os olhos de dominado no Poder — inquirindo sua legitimidade e utilidade, e especialmente a sua eficiência e missão de distribuir justiça e corrigir as desigualdades sociais — sente a atração misteriosa pelas pessoas e lugares em que ele se manifesta, seja uma redação de jornal ou uma repartição burocrática, um quartel ou um recinto legislativo, um palacete em Botafogo ou uma casa de comércio com o seu gordo cofre refeito de dinheiro. Até mesmo quando um bordel de luxo ou uma *maison close* avulta como o símbolo incontrastável do poder dos homens, Lima Barreto o distingue com a sua alusão reiterada. Assim é que, em seus papéis íntimos, há várias referências a uma madame Valery que exercia o poder dos corpos com a mesma segurança e desembaraço com que o senador Pinheiro Machado manipulava o poder das consciências e das almas políticas.

A postura obsessiva de Lima Barreto diante do mundo do poder converte a sua ficção numa desajeitada constelação de romances políticos, muito embora nem todos tenham, a esse respeito, o sinal escancarado de caracterização de *Numa* e a *Ninfa*. Entretanto, até na história da sedução de uma mulata humilde por um indivíduo de condição

social privilegiada — e por isso mesmo a salvo de qualquer punição por parte de uma lei feita para proteger os fortes e não defender os fracos — é perfeitamente discernível, na trama sentimental, a cor forte das intenções políticas e da crítica social. No maniqueísmo de Lima Barreto, o Bem e o Mal são valores e substâncias imisturáveis, e a mesma distinção categórica separa os dominados e dominadores.

Se os outros, que tanto atormentaram Lima Barreto, são o inferno, e se esse inferno terrestre se manifesta pela evidência do Poder, a lógica mais elementar aponta para um universo em que ambos se fundem, para ser a mesma realidade. Para o romancista de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, o poder é o mal da vida, a miséria do mundo — daí a sua nostalgia de um passado edênico e idílico, embutida no poético anarquismo das intermitentes digressões políticas que escorrem de sua obra como a água de uma torneira avariada.

#### Nostalgia de um passado edênico

Graças aos cuidados de Francisco de Assis Barbosa, Antonio Houaiss e M. Cavalcanti Proença, temos hoje acesso às obras completas de Lima Barreto, numa edição crítica que, havendo recolhido desde o valioso até o ínfimo ou o meramente documental, concede ao leitor uma visão desembaraçada do universo biográfico e literário do criador de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Temos, ainda, a vívida *A Vida de Lima Barreto*, de Francisco de Assis Barbosa. Dispomos, pois, dos elementos capazes de propiciar um exame do caso ou processo que, ao longo da vida e do tempo, haverá de crescer-se de novas instâncias. Mas a conclusão mais aceitável talvez seja a que responsabilize o próprio Lima Barreto pelo insucesso de

sua vida e pelas suas vicissitudes literárias. A cor de “mulato ou negro” não seria impedimento para a escalada social — e tanto assim que, em carta a Célestin Bouglé (*Correspondência Ativa e Passiva*, 1º tomo), escrita aliás num francês aduaneiro pouco chegado-aos acentos, ele proclama: “Les grands noms actuels de la littérature — Olavo Bilac, Machado de Assis et Coelho — sont des mulâtres”, além de salientar a existência, no Brasil, de um processo de ascensão dos mulatos já velho de mais de um século e meio.

#### Confiança na ação justiceira da posteridade

O temperamento desabusado, de portador de uma estrutura psicológica marcada pela autoflagelação e autocompaixão, e que o levou à embriaguez, à loucura hereditária, o pendor sarcástico que faz dele um Gregório de Matos em prosa, são certamente os ingredientes básicos de seu fracasso e esclarecem a sua impossibilidade de cooptação por um sistema tolerante ou mesmo sequioso de engordar-se com a admissão de novos e lustrosos talentos mestiços. Os conhecimentos literários e lingüísticos de Lima Barreto, que lia em francês e inglês e possuía uma biblioteca apreciável (relacionada na biografia de Francisco de Assis Barbosa e no “Inventário” que figura em *O Cemitério dos Vivos*), o habilitavam plenamente para a fruição dos reconhecimentos e consagrações que distinguiram muitos de seus companheiros de geração.

Incompreendido e marginalizado, Lima Barreto confiava, porém, na ação justiceira da posteridade, chegando mesmo a consigná-la, como uma recompensa pessoal, num desabafo íntimo. E, como salienta Francisco de Assis Barbosa, o autor de *Clara dos Anjos* a prepa-

rou com especial carinho, colecionando artigos de jornal, ordenando uma copiosa correspondência que é um dos mais primorosos (e às vezes desprimorosos) documentos culturais e psicológicos que possuímos, e até organizando livros póstumos.

A ambigüidade de sua posição com o mundo visível do poder — o mundo dos jornais que lhe omitiam o nome, dos palácios políticos e administrativos que sonegavam a sua promoção, das portas fechadas ao seu desleixo vestimentário, do olhar de soslaio de seus confrades jactanciosos — está documentada em suas relações com algumas figuras exponenciais. Umas, como o conde Afonso Celso e Félix Pacheco, recebem um tratamento cordato, a que não falta uma fímbria afetiva. Outros, como Ruy Barbosa, são cortejados em cartas, mas alvejados em cáusticas notas privadas. E outros há, como Coelho Neto e João do Rio, aos quais só dispensa farpas desqualificantes. “Il ne faut mettre du vinaigre dans ses écrits; il faut y mettre du sel”. Embora leitor contumaz da literatura francesa, Lima Barreto não tomou conhecimento desse sábio e sagaz conselho de Montesquieu. Ele só concebia o riso desde que fosse sardônico. E os deuses ciumentos não o cumularam com o dom da sutileza.

Um vento plebeu sopra sobre as páginas em que Lima Barreto gravou a singularidade de seu talento de escritor. E é essa presença de baixo, da arraia-miúda, das ruas sujas, das vozes sufocadas da cidade, pela primeira vez palpantes num ritual literário que ocultava ou mascarava as origens sociais e econômicas de seus praticantes, que lhe garante um dos primeiros lugares em nossa ficção, como um clássico necessário. A autoridade do malogro outorga às suas criações e testemunho humano uma limpidez e uma integridade ausentes na ética e na estética geladas de muitos dos triunfadores.

**M**altratado em vida, através de edições imperfeitas, e mesmo depois de morto, muitas dessas edições tão lamentáveis quanto o "esbodegado vestuário" do autor, no trágico final de sua existência, Lima Barreto já não constitui mais apenas um tema biográfico. Aos primeiros grandes estudos literários — os de Lúcia Miguel Pereira e Astrojildo Pereira, os de Antonio Houaiss e M. Cavalcanti Proença —, multiplicaram-se as análises em profundidade da obra do escritor, as teses universitárias, no Brasil e no Exterior, não só do ponto de vista do estilo, como da linguagem e da técnica do romancista.

Agripino Grieco chamou-o na década de 20 "o maior e o mais brasileiro dos nossos romancistas", mas acabou por retirar os louvores nas suas memórias (1952) e nos disparates (I e II, 1968), para despejar sobre o antigo companheiro de letras uma tonelada de azedume: "Existia muita peçonha nesse mulato, sempre parcial com relação aos brancos e não chegando a estimar os pretos, escritor quase sem estilo e sem gramática, arrogante com os novos, grosseiro com os estreatantes que o procurassem...". Essa má vontade póstuma é contudo contrabalançada com o reconhecer que "foi o retratista de Policarpo Quaresma pioneiro aqui de um romance em que autenticamente penetrasse o povo, e o subúrbio com ele é que começou a ter categoria literária".

Já com Coelho Neto verificou-se processo inverso. Ao contrário de Grieco, que convivera com Lima Barreto e até merecera elogios, pelos livros que havia publicado na mocidade, *Fetiches* e *Fantoches*, entre outros, Coelho Neto nunca foi poupado pelo escritor, que chegou a apontá-lo como "o sujeito mais nefasto da nossa literatura". No entanto, logo após a morte de Lima Barreto, Coelho Neto dedicou-lhe um sentido e belo artigo, de exaltação à obra do seu implacável inimigo. "Romancista dos maiores que o Brasil tem tido, observando com o poder e a precisão de uma lente, escrevendo com segurança magistral, descrevendo o meio popular como nenhum outro. Lima Barreto assim como descuidava de si, da própria vida, descuidou-se da obra que construiu, não procurando corrigi-la de vícios de linguagem, dando-a como lhe saía da pena fácil, sem a revisão necessária, o apuro indispensável, o toque definitivo de remate que queria a obra d'arte. Apesar de tudo o que de tal homem nos ficou vale tanto como observação da vida e pintura de caracteres, que as asperezas não conseguem destruir a beleza; comprometem-na por vezes, aqui, ali, como escaras e frinças em parede podem prejudicar a harmonia de um fresco mural, sem, todavia, tirar-lhe a grandiosidade."

Segundo Coelho Neto, Lima Barreto fora vítima da boêmia, a sereia que o encantou e certamente arruinou sua saúde, matando-o aos 41 anos. E conclui: "A terrível sereia deve estar contente porque a presa, que desta vez levou, não era uma figura comum, das que desaparecem na morte, mas uma dessas resistências que avultam e impõem-se acima do túmulo, como um pedestal, e ficam eternas representando o espírito de uma era e glória de um povo".

Na *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira* (1ª ed. 1949; 4ª ed. 1968), Otto Maria Carpeaux já havia



Passando de simples registros em histórias e antologias literárias, a partir da década de 30, a alentados ensaios sobre a vida e os livros do escritor, a bibliografia sobre Lima Barreto cresceu significativamente nestes últimos anos, o que comprova a importância atribuída pela crítica moderna à obra do criador das "Recordações do Escrivão Isaías Caminha". Um artigo de Francisco de Assis Barbosa, o grande biógrafo de Lima Barreto.

## O escritor e a posteridade

demonstrado que Lima Barreto não fora "desprezado em vida", como escritor. Não foram poucos os contemporâneos que lhe reconheceram o valor: gente como João Ribeiro, Medeiros e Albuquerque, Oliveira Lima, Vitor Viana, Veiga Miranda, Nestor Vitor, Jackson de Figueiredo, Monteiro Lobato, Alcides Maya, Gonzaga Duque, Antonio Torres, além de Agripino Grieco e Coelho Neto. Quantos mais?

### O reconhecimento da nova geração

Não só os autores consagrados reconheciam a importância de Lima Barreto, como também os novos, como se vê do depoimento de Sérgio Milliet. Todos o liam, até mesmo os modernistas. Pelo menos dois dentre os novos de São Paulo eram leitores entusiastas do romancista: Antônio de Alcântara Machado e Sergio Milliet. Há ainda a acrescentar três nomes: Di Cavalcanti, Dante Milano, Sérgio Buarque de Holanda. Dos novos que sempre incentivou, como Gastão Cruls, Lucilo Varejão, Enéas Ferraz, Ranulfo Prata, Jack-

son de Figueiredo, Monteiro Lobato, Leo Vaz, Godofredo Rangel e tantos outros da geração pré-modernista, Lima Barreto foi sempre admirado e cercado de carinho.

### Descompasso com a literatura dominante

Um desses novos escritores chegou a declarar-se discípulo do escritor: Enéas Ferraz, autor da *História de João Crispim*, livro pungente do qual houve quem dissesse ter sido inspirado na vida do próprio Lima Barreto! Injustamente esquecido, Enéas Ferraz foi no entanto romancista do mais alto valor. O romance *Uma Família Carioca* é de indifereçável modelo lima-barretiano. Paulista, que viveu muitos anos no Exterior, quase toda a vida, como funcionário diplomático, embora não diplomata, deixou dois romances escritos em francês e a admirável coletânea de contos, *Crianças Mortas*, sem dúvida uma legítima obra-prima.

O inconformismo do romancista, e daí o seu descompasso com a literatura acadêmica dominante, seria o elo que

poderia aproximá-lo de alguns dos rapazes de São Paulo, mas não daqueles mais velhos que logo se arvoraram em cabeças do movimento, como Graça Aranha e Paulo Prado, remanescentes de uma geração anterior, imbuída do ecletismo filosófico das últimas décadas da monarquia e da propaganda republicana. "Lembro-me" — depõe Sérgio Milliet — "da grande admiração que tinha por Lima Barreto o grupo paulista de 22. O *Triste Fim de Policarpo Quaresma* nos entusiasmava". Qual a razão de tanta admiração? É ainda Sergio Milliet quem a dá. "O que mais espantava então era o estilo direto, a precisão descritiva da frase, a limpeza de sua prosa, objetivos que os modernistas também visavam. Mas admirávamos, por outro lado, a sua irreverência fria, a quase crueldade científica com que analisava uma personagem, a ironia mordaz, a agudeza que revelava na marcação dos caracteres".

Para Sérgio Milliet, em suma, "Lima Barreto foi o grande romancista da geração pós-machadiana e o pioneiro do romance moderno brasileiro". A preocupação de não ficar apenas nas entrelinhas talvez explique as diferenças de Lima Barreto e Machado de Assis, com quem o romancista não gostava de ser comparado. Disse-o claramente em carta a Austregésilo de Athayde, que vale a pena recordar. Machado escrevia com medo do Castilho, espécie de censor oficial da pureza gramatical, no II Reinado, e que havia polemizado com Alencar, apontando-lhe erros de português e imperfeições de estilo. Por isso mesmo, acrescentava Lima Barreto, na carta acima aludida, Machado de Assis escondia o que sentia, para não se rebaixar. Ele, ao contrário, podia dizer: "Não tenho medo da palmatória do Feliciano e acredito com muito temor de não dizer tudo o que quero e sinto, sem calcular se me rebaixo ou se me exalto".

No fim da guerra, durante toda a década de 20, o momento é de definições, em meio ao debate sobre a participação do intelectual na vida política. Péguy, Maurras e Barrás haviam iniciado uma cruzada, que os idealistas alemães retomaram, de forte conotação reacionária, a religião da alma nacional, da força e da raça, do instinto vital, num discurso que tem muito da primeira manifestação de Graça Aranha, ao retornar ao Brasil, em 1921, ao dirigir-se à jovem intelectualidade.

Não era bem isso o que desejavam os modernistas de São Paulo. É verdade que não sabiam ainda o que queriam, como na frase famosa de Aníbal Machado, mas sabiam muito bem o que não queriam. A década está repleta de definições. Não só dos autores acima citados como também nos pronunciamentos de Georges Duhamel e Julien Benda (*La Trahison des Clercs*, por exemplo, é de 1927). Com repercussões no Brasil, das quais não se pode omitir a militância de Jackson de Figueiredo, que será ao mesmo tempo contra o tenentismo (no plano político) e contra os intelectuais (no plano estético), mas decerto desligado do agnosticismo de Graça Aranha, remanescente do seu entusiasmo juvenil por Tobias Barreto. No balaio de Graça Aranha cabia todo mundo: Nietzsche, Renan, Goethe.

Nos seus primórdios, quando era impreciso e informe, e indifereçável a influência cosmopolita de um mundo que se refazia da Primeira Guerra Mundial, predominava no movimento modernista — ou futurista, como foi cha- →

—mado a princípio—ogostodeescandalizar, o prazer de participar de uma farra literária. Ora, a Klaxon, nome da primeira revista futurista, ou melhor, modernista, é bem característica dessa fase inicial do movimento. Recebendo-a das mãos de Sérgio Buarque de Holanda, a quem chamaria “meu simpático amigo”, Lima Barreto comete um erro de julgamento, vendo em Mário de Andrade e seus companheiros nada menos que imitadores de Marinetti. E no modernismo um reflexo do cabotinismo do escritor italiano, que não demoraria em se engajar no partido fascista.

“Esses moços tão estimáveis — pergunta o romancista no pequeno artigo que dedicou à Klaxon — pensam mesmo que nós não sabíamos disso de futurismo? Há vinte anos, ou mais, que se fala nisto e não há quem leia a mais ordinária revista francesa ou o pasquim mais ordinário da Itália que não conheça as cabotinagens de ‘il Marinetti’. A originalidade desse senhor consiste em negar quando todos dizem sim; em avançar absurdos que ferem, não só o senso comum, mas tudo o que é base e força da humanidade.” Ao emitir sua opinião, sempre honesta e corajosa, Lima Barreto acentua ainda mais o seguinte, com humildade, como quem pede desculpas aos jovens escritores de São Paulo: “O que há de azedume neste artiguete não representa nenhuma hostilidade aos moços que fundaram a Klaxon; mas sim a manifestação da minha sincera antipatia contra o grotesco futurismo, que no fundo não é senão brutalidade, grosseria e escatologia, sobretudo esta”.

O pessoal da Klaxon não tardaria em dar o troco ao romancista — “um sr. Lima Barreto...” — num tom de agressiva superioridade, em revide ao “sorriso de ironia” do autor do artigo. Teria sido o Mário de Andrade? O que mais doera aos rapazes de São Paulo fora sem dúvida aquela comparação infeliz com o futurismo italiano. Marinetti visitaria o Brasil em 1926. Suas conferências foram estrepitosamente vaiadas no Rio e em São Paulo. Marinetti teve no Rio de Janeiro a acolhida generosa de Graça Aranha. Mas em São Paulo encontrou-se por azar com Blaise Cendrars, numa rua do centro da cidade. Destrataram-se em público e quase foram ao desforço pessoal.

Antes de proceder à leitura da resposta, permito-me chamar a atenção para duas palavras rebarbativas: o incrível gerúndio ‘obfurgatoriando’, certamente em tom pilhérico, usado pelo redator da Klaxon, como o adjetivo pejorativo herbolário, com que Lima Barreto foi acويمado. Herbolário, por quê? perguntaria alguém desprevenido com uma palavra tão estranha para definir um escritor. É que Lima Barreto assinava uma seção na Careta de pequenos comentários sob o título “Hortas e capinzais”, talvez por nada ter a ver com assuntos agrícolas, a não ser o capim rasteiro da má literatura. Vamos agora à resposta da Klaxon.

“O Sr. Lima chama-nos de descobridores do futurismo do ‘il Marinetti’ (o Sr. Barreto é incontestável a respeito de artigos). É cansado com o descobrimento, eis o Sr. Lima azedo, obfurgatoriando, mais ou menos com razão, contra Marinetti. Mas que temos nós com o italiano, oh! fino classificador? Mas o herbolário carioca sabe que certos arbustos naturais da Itália e da mesma família de apenas alguns registrados em

Klaxon são comuns à Rússia, à Áustria e à Alemanha saqueada... Em todo caso, simpático Sr. Lima, como seu artigo ‘não representa nenhuma hostilidade aos moços que fundaram Klaxon’, amigavelmente tomamos a liberdade de lhe dar um conselho: não deixe mais que os rapazes paulistanos vão buscar no Rio edições da Nouvelle Revue, que apesar de numeradas, são jogadas, como inúteis, embaixo das bem providas mesas das livrarias cariocas. Não deixe também que as obras de Apollinaire, Cendrars, Epstein, que a Livraria Leite Ribeiro de há uns tempos para cá (dezembro, não é?) começou a receber, sejam adquiridas por dinheiros paulistas. Compre esses livros, Sr. Lima, compre esses livros!”

Bons tempos aqueles! em que o franco custava uma ninharia e os livros importados competiam em preço com as brochuras brasileiras. As revistas estrangeiras chegavam ao Brasil com regularidade, aos montões, e não era preciso, como hoje, apelos insistentes aos raros livreiros de boa vontade acaso existentes no Rio de Janeiro e São Paulo, um Carlos Ribeiro, uma Donia Vania, um Ernesto Fromm, uma Dona Margareth, um Olinto Moura, um frei Benevenuto?, todos eles sempre com problemas intransponíveis com as mil medidas fiscais contra a livre circulação dessa mercadoria sempre desprezada pelas autoridades encarregadas das operações enigmáticas do controle cambial.

### Desafio aos magnatas paulistas

Havia uma indisfarçada competição entre Rio e São Paulo, uma guerra do alecrim e da manjerona, competição de sabor provinciano nos confrontos entre as cidades: qual a mais adiantada, a mais progressista, a mais civilizada? São Paulo disputava com o Rio em comércio, por exemplo. A Casa Alemã e o Mappin Stores eram superiores ao Parc Royal e à Torre Eiffel. A Confeitaria Vienense em nada ficava a dever à Confeitaria Colombo. O Rio tinha o Jockey; São Paulo, o Automóvel Clube, em sedes luxuosas que se rivalizavam. Assim também as livrarias. As livrarias do Rio eram mais conhecidas, como a Francisco Alves, a Garnier, a Jacinto. Mas São Paulo possuía a mais bela sucursal da Francisco Alves, além da Casa Garraux e do grande, e monumental, sebo da Gazot, talvez o maior sebo da América do Sul.

Contudo, Lima Barreto jamais pretendeu estabelecer polêmica com os novos de São Paulo. Sua luta era bem outra. Atacava, isso sim, os políticos, aos quais estavam ligados Graça Aranha e Paulo Prado. É possível que nem sequer tivesse tomado conhecimento da inopinada e um tanto ingênua resposta da Klaxon, publicada na segunda semana de agosto de 1922, dois meses antes de sua morte. Era sincero, quando manifestava a sua simpatia por Sérgio Buarque de Holanda e por tabela a sua não hostilidade aos “moços tão estimáveis” de São Paulo, que se mostravam no entanto pouco cordiais não apenas com Lima Barreto mas com os próprios confrades do Rio de Janeiro, olhando por cima os companheiros de letras que nem sabiam buquinar. É uma guerra do alecrim e da manjerona — a de São Paulo e Rio, na qual Lima Barreto se meteu por acaso. Numa das suas blagues, refe-

rindo-se mais aos políticos que aos modernistas, teria dito que acabaria invadindo São Paulo e acabando com toda a petulância de Piratininga, montado num jumento... Nos dias de exaltação alcoólica, dizia-se “marquês, duque ou príncipe”, Duque de Todos os Santos. E desafiava: “Puxo a minha espada para me bater com qualquer um”.

Era assim que desafiava os magnatas paulistas, entre os quais incluía Graça Aranha e Paulo Prado, como seus representantes e beneficiários dos negócios de exportação de café, que eram afinal os grandes negócios da época.

Do grupo paulista, além de Sérgio, conhecia também Di Cavalcanti, carioca de nascimento, mas que se havia transferido com armas e bagagens para São Paulo e acabara sendo o pai da idéia da Semana de Arte Moderna. O editor Francisco Schettino fizera as apresentações, num cafezinho da rua Sachet. E a Di Cavalcanti, Lima Barreto tratou com o mesmo carinho que não sabia recusar aos jovens de talento, talvez porque visse em cada um deles a continuação de seu próprio caso: as resistências, as incompreensões e até mesmo a má vontade dos expoentes diante dos novos. Pois, no cafezinho da rua Sachet, e àquela tarde — é Di quem recorda —, o romancista foi logo falando no álbum de desenhos que acabava de publicar:

— Vi os Fantoques da Meia-noite, com o prefácio de Ribeiro Couto. Agradeço-lhe o exemplar que me deixou.

E, colocando o pintor à vontade, pôs-se a conversar sobre arte e literatura. Assim era com todos. Nada tinha de doutoral. Não queria, nem pensava, dar lições a ninguém. A sua simplicidade de maneiras permitia mesmo certas brincadeiras. E, um dia, Peregrino Jr., o mais jovem repórter da imprensa carioca, teria a lembrança de aconselhar o mestre a abandonar o vício da bebida, ou a beber menos, pois do contrário acabaria não produzindo mais nada e se prejudicando e se matando, como tantos outros dominados pelo alcoolismo. O romancista teria respondido com uma piada ao rapaz de 20 anos: “Que nada, menino! O que prejudica a nossa literatura não é a cachaça. É a burrice!”

### A vida póstuma do escritor

Segundo os depoimentos dos seus contemporâneos da Escola Politécnica até os mais jovens, companheiros de jornal e mesas de café, Lima Barreto era sempre um homem cordial e bem-educado. Nos últimos anos, relaxara no vestuário à proporção em que o álcool completava a sua devastação. Ribeiro Couto olhava-o estarecido: “Como tanta grandeza e tanta pureza podiam viver sob aquela crosta áspera de mulataço vermelho? A vermelhidão de Lima Barreto impressionava-me também; eu ficava sem saber se era álcool ou febre. E, ao andar, uma calma perfeita, como para dominar a tendência ao bamboleio”.

Mas, voltando a tratar da fortuna crítica de Lima Barreto, tem sido de altos e baixos, embora sempre constante, e hoje em franca e definitiva ascensão. Só passaria a figurar em histórias de literatura e compêndios escolares na década de 30. Creio que a primazia coube a Agripino Grieco, *Evolução da Prosa Brasileira* (1933). Veio depois

Sousa da Silveira, nos *Trechos Seletos*, não na primeira, mas a partir da segunda edição (1934), dizem que por sugestão de Manuel Bandeira. O terceiro foi talvez Nelson Werneck Sodré, com algumas linhas simpáticas na *História da Literatura Brasileira*, seus fundamentos econômicos (1938), linhas ampliadas e desenvolvidas nas edições posteriores.

Seguem-se dois ensaios importantes: o de Olívio Montenegro, em *O Romance Brasileiro* (1938) e o de Astrojildo Pereira, publicado originalmente na *Revista do Brasil*, incluído depois em *Interpretações* (1944). Lúcia Miguel Pereira estendeu-se num dos capítulos “Prenúncios modernistas”, ao tratar com entusiasmo da obra do escritor, em *Prosa de Ficção; de 1870 a 1920* (1ª ed. 1950; 3ª ed. 1973). Menos extenso e menos entusiasta é o estudo de Eugênio Gomes, inserido em *A Literatura no Brasil*, v.II (1ª ed. 1955; 2ª ed. 1969), obra coletiva, sob a direção de Afrânio Coutinho.

E, assim, Lima Barreto ingressava na área universitária. Na *História da Literatura Brasileira* (1955), de Antônio Soares Amora, e sobretudo na *História Concisa da Literatura Brasileira* (1960), de Alfredo Bosi, as recensões são cuidadosas, acompanhadas de notícias bibliográficas. Do mesmo Alfredo Bosi é ainda o perfil de Lima Barreto no capítulo “As Letras na Primeira República”, série III, *O Brasil Republicano*, 2ª v., “Sociedades e instituições (1889-1930)”, sob a direção de Boris Fausto, da *História Geral da Civilização Brasileira*, São Paulo, Difel, 1977, 307-310.

Para orientação dos estudantes, Tristão de Ataíde, sempre fiel à memória do escritor, já havia publicado o *Quadro Sintético da Literatura Brasileira* (1956), dando o devido realce a Lima Barreto. O mesmo se dá com o *Presença da Literatura Brasileira — História e Antologia* (1964), da autoria de Antônio Cândido e José Aderaldo Castelo, no volume que trata do Romantismo, Realismo, Parnasianismo e Simbolismo.

Inicia-se, desde então, uma série de pesquisas e estudos universitários, primeiro no Exterior, depois no Brasil. No Reino Unido, o pioneiro foi Robert L. Scott Buccleuch, da Universidade St. Andrew, mais tarde professor associado da Universidade de Brasília, autor de uma versão inglesa do *Triste Fim de Policarpo Quaresma - The Patriot*, editada em Londres, por Rex Collings, 1978. De J.C. Hinnear, da Universidade de Liverpool, há um trabalho interessante: “The ‘sad end’ of Lima Barreto’s Policarpo Quaresma”, publicado no *Bulletin of Hispanic Studies*, Liverpool (janeiro de 1974). Presentemente, Roberto A. Dakley, da Universidade de Birmingham, onde é o professor de Português e Espanhol, dá os retoques finais em um estudo: “Realidade e ficção em Lima Barreto”.

Na Itália, Luciana Stegagno Picchio, em *La Letteratura Brasiliana* (1972), obra verdadeiramente notável, destaca a garra do romancista e encarece o significado social e humano da mensagem do intérprete dos subúrbios cariocas. Uma brasileira, Vanessa Escobar de Andrade, fez a sua tese de mestrado em Literatura na Universidade de Roma, sob a orientação da professora Luciana Stegagno Picchio, em torno de um aspecto característico do estilo do criador de Numa e Ninfa: “Composições binárias na obra de Lima Barreto” (mimeo, 1977).

→ Na União Soviética, a tradução do *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (Zapiski arkhivariussa), 1965, teve uma edição de 50.000 exemplares. Na Checoslováquia, iniciativa que se deve a Zdenek Hampl, eminente romancista e sincero amigo do Brasil, apareceu, em 1974, a tradução de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (Smutny Konec Snaziveho Policarpa) da autoria de Jarmila Vojtisková.

Na Alemanha, República Ocidental da Alemanha, há a assinalar a tese de Gabriele Oblau, *Gesellschaftskritik und selbstdarstellung in den romanen Lima Barretos*, tese de doutoramento apresentada na Universidade de Colônia. Trata-se de um estudo, como o título está a indicar, de Lima Barreto sob o aspecto da auto-representação e auto-interpretação dos personagens romanescos por ele criados, que passam por situações semelhantes às próprias, isto é, vividas pelo autor.

Ainda na Alemanha, deve ser editada em breve a tradução do *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, último trabalho do saudoso Willy Keller, falecido em maio de 1979. A tradução ficou pronta pouco antes do seu falecimento. Radicado no país desde 1933, por achar inviável permanecer na sua pátria, sob a opressão nazista, Keller deixou a marca inconfundível da sua presença no Brasil, no Recife, em São Paulo e no Rio de Janeiro, dedicando-se a princípio à divulgação em alemão do nosso teatro. Quantas peças traduziu? Muitas. E, dentre elas, as de Joraci Camargo, Nelson Rodrigues, Pedro Bloch, Guilherme Figueiredo, etc. Passou para o alemão o admirável poema de João Cabral de Mello Neto, *O cão sem plumas*, e, de um modo realmente modelar, a obra de ficção de Graciliano Ramos. Keller gostaria de traduzir pelo menos três romances de Lima Barreto, mas só ficou no primeiro, que era por sinal o da sua preferência, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, submetido à Suhrkamp Verlag, de Frankfurt, a mesma editora das obras de Graciliano Ramos. Nos Estados Unidos da América, o interesse vem de longe, começou efetivamente há mais de trinta anos. No Colóquio de Estudos Brasileiros, reunido em Washington, DC, 1950, dois scholars da área dos estudos lingüísticos em espanhol e português, Raymond Sayers e Ralph E. Dimmick, tinham apresentado comunicações sobre Lima Barreto. Gregory Rabassa, da Universidade de Colúmbia, pouco depois, continuou os estudos iniciados por Sayers em *O Negro na Literatura Brasileira*, obra bastante conhecida e estimada no Brasil, pela tradução, acrescida de notas de Antonio Houaiss (1958). O livro de Sayers terminava em Machado de Assis. Rabassa foi além. Seu livro *O Negro na Ficção Brasileira* teve a sorte de ser traduzido por Ana Maria Martins (1965), que fez um trabalho de primeira ordem. Nele há todo um capítulo sobre Lima Barreto. Há ainda a assinalar a tese de doutoramento defendida em 1968 na Universidade de Wisconsin, Madison, por Roberto D. Herron, *The Individual Society and Nature in the Novels of Lima Barreto*, sem dúvida o mais extenso e minucioso exame da obra de ficção do escritor, em cerca de 800 páginas compactas. Muitas

outras teses ainda não recenseadas existem em diferentes universidades norte-americanas sobre Lima Barreto. Nem todas pude manuseá-las, como por exemplo as de Vincent Paul Duggan, "Social Themes and Political Satire in the Short Stories of Lima Barreto", Ann Harbor, Michigan, University Microfilms Inc., 1977; de Vera Regina Teixeira, "Clara dos Anjos, de Lima Barreto: biópsia de uma sociedade", Northwestern University (mimeo), 1979. E, last but not least, o excelente trabalho de Maria Luísa Nunes, portuguesa, de Cabo Verde, com o volume *Lima Barreto: bibliography and translation*, com as traduções de *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *Clara dos Anjos*, na coleção *The Yale Series of Afro-American Reference Publications*, Boston, G.K. Hall, 1979. Em espanhol, publicaram-se, numa mesma edição, *Dos Novelas* (1979), as traduções de *Isaías Caminha* e *Policarpo Quaresma*, na Biblioteca Ayacucho, Caracas, Venezuela, empreendimento que reúne em edições bem cuidadas os autores mais representativos da literatura hispano-americana, nas quais o Brasil tem um lugar de honra, com Machado de Assis, Manoel Antonio de Almeida, Silvio Romero, Mário de Andrade, Gilberto Freyre, Antonio Cândido, Sérgio Buarque de Holanda e tantos outros. Há ainda a assinalar as antologias de contos brasileiros, na Argentina,

França, Japão e nos países escandinavos, onde aparecem alternadamente "O Homem que sabia javanês", "A Nova Califórnia" e "Sua Excelência".

Na área universitária, cresce no Brasil o interesse pelo estudo da obra de Lima Barreto. Nesses últimos anos, concluíram-se as seguintes teses: na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: "Elementos para uma estética sociológica: um estudo de Lima Barreto", por Ciro J. R. Marcondes Filho (mimeo, 1975); *O Profeta e o Escrivão: Estudo Sobre Lima Barreto*, de Carlos Erivany Fantinati (São Paulo, Ilha — Hucitec, 1978), ensaio que teve uma primeira redação na tese de doutoramento defendida em 1974 na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, hoje Instituto de Letras, História e Psicologia — campus de Assis — da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp. Da mesma categoria é o trabalho de Antônio Arnoni Prado, *Lima Barreto: o Crítico e a Crise*, editado em 1976 pela Cátedra. Trata-se de um discípulo de Antônio Cândido, que por sua vez escreveu "magistral artigo, "Os olhos, o barco e o espelho", no Suplemento Cultural de O Estado de S. Paulo, ano I, nº 1, 17-10-1976. Outro grande nome, o saudoso e querido amigo Osman Lins, que escrevera *O Espaço Romanesco em Lima Barreto*, como tese universitária, na verdade um dos mais belos ensaios do gênero, em nossa literatura, dedicou um capítulo, "Não silenciou sobre o seu tempo", ao criador de Policarpo Quaresma e Isaías Caminha, inscrito no seu

**Do Ideal e da Glória: Problemas Inculcrais Brasileiros** (S. Paulo, Summus, 1977), espécie de testamento literário do inovador de Avalovara. Outro trabalho de mérito: "A mão e a enxada: a síntese incompleta de Lima Barreto", ensaio de O. C. Louzada Filho, em *Almanaque*, cadernos de literatura e ensaio (S. Paulo, Brasiliense, nº 4, 1977, 80-86).

Passando ao Rio de Janeiro, não é possível omitir um trabalho de maior fôlego: o de Sônia Brayner, parte de um todo, "Lima Barreto: mostrar ou significar?", que integra a análise em profundidade do romance brasileiro nos anos 1880-1920, num livro polêmico da melhor categoria intelectual. *Labirinto do Espaço Romanesco* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, 145-176). O trabalho de Sônia Brayner havia sido publicado anteriormente na revista *Tempo Brasileiro* (33/34, 1974), sob o título: "A mitologia urbana de Lima Barreto". Há ainda em projeto um estudo sobre as obras de Lima Barreto, da autoria de Gessner Garcez, que na sua versão preliminar obteve menção honrosa em concurso do Departamento de Cultura do extinto Estado da Guanabara (1975). O ensaio mais recente, nascido de uma tese universitária, intitula-se *Um Mulato no Reino de Jambon* (São Paulo, 1981), de Maria Zilda Ferreira Cury. O mesmo tema está sendo estudado por Paula Beiguelman, que em 1980 pronunciou duas conferências sobre aspectos sociais e políticos na obra de Lima Barreto, na Fundação Casa de Rui Barbosa, que tiveram grande repercussão.

O meu velho companheiro da redação de *A Noite*, dos bons velhos tempos, Carvalho Neto, publicou em 1977 o seu livro de memórias, *Norte: Oito Quatro*, em que traça um excelente perfil de Lima Barreto, de quem foi amigo. Outros livros de valor desigual: o de H. Pereira da Silva, *Lima Barreto, Escritor Maldito* (1976) e o de João Antônio, *Calvário e Porres de Lima Barreto* (1977).

Um fato inusitado, alegre e saudável, iniciativa de jovens universitários, foi a adaptação teatral de Policarpo Quaresma, por Buzza Ferraz, encenada pela Grande Companhia Tragicômica Jaz-o-coração, com mais de 100 representações em Brasília e Belo Horizonte, com dois meses de cartaz em São Paulo e um no Rio de Janeiro (1978). Em 1973, quando estive em Londrina, a convite dos estudantes da Universidade, assisti a um auto da autoria de um nissei, hoje jornalista, Marcelo Oikawa, intitulado "ABC de Lima Barreto". No cinema, "A Nova Califórnia" foi tema de um filme, *Osso, Amor e Papagaio*, que teve Jaime Costa no papel do dr. Flamel. E Júlio Bressane, um dos vanguardistas do cinema novo, montou um documentário sobre a vida e a obra do romancista. Ainda sobre cinema, logo que apareceu a primeira edição de *A Vida de Lima Barreto* (1952), um querido amigo, Oswaldo Sampaio, pensou em transformá-lo num filme. Chegamos a assinar um contrato; infelizmente, o projeto não foi adiante. Para terminar, pode ser que nessa resenha imperfeita sobre a vida póstuma de Lima Barreto tenha omitido alguma coisa, mas quero deixar bem claro que não foi intencional.



## O Personagem da Semana

Em entrevista a Jean-Luc Pinard-Legy, o dissidente soviético Leonid Plyusch explica por que a ideologia comunista vai decaindo progressivamente em proveito de uma ideologia de tipo neonazista, uma espécie de neopaganismo. Em sua opinião, as duas ideologias estão unidas pelo totalitarismo. Por que será — indaga ele — que uma das principais preocupações da Rússia, como também da Alemanha, foi vencer o atra-



so e ultrapassar as outras potências? O resultado acaba sendo desastroso para o povo russo, cuja única válvula de escape é o humor negro. “A gente ri assim do sofrimento, o que é uma maneira de suportá-lo melhor. A literatura dissidente usa muito esse humor. Só que, entre nós, o riso se assemelha às lágrimas que, apesar de tudo, nos liberam.”

# “Aqui, o problema do poder é expresso de maneira trágica, como o da liberdade do homem”

Uma pequena casa escondida por trás dos edifícios de apartamentos do bairro parisiense de La Défense; Leonid Plyusch mora há algum tempo, com sua mulher, seus filhos e sua mãe, num lugar modesto, quase triste, cujo exterior aparenta até mesmo um certo desleixo. A intérprete com quem vou visitá-lo para esta entrevista me explica que os russos se interessam pouco pela decoração de suas casas e que os cuidados do lar e a limpeza nunca foram seu forte. Convenhamos, mas não posso deixar de pensar que a morada em que vou entrar é a de um asilado, sentimento que se torna mais forte ainda pelo aspecto inusitado e até mesmo irrisório daquela casinha a dois passos dos grandes edifícios da Défense... Um grande cão pastor late desde que percebeu nossa chegada. Provavelmente ele não está ali para assustar os visitantes, porque logo percebo que já não é tão novo.

Leonid Plyusch atende à porta. Ele bebe muito e tem as feições de um homem abatido pela doença. Disseram que, durante os quatro anos que passou na prisão e num asilo psiquiátrico antes de seu exílio na França em 1976, ele sofreu de uma tuberculose óssea para a qual não lhe deram tratamento. Ele é, sob esse aspecto, a antítese de um Solzhenitzyn, e isso não apenas politicamente. Ele tem o aspecto físico desesperante daqueles que algum dia foram arrancados de si mesmos.

Penetramos no pequeno corredor que faz às vezes de entrada da casa. Ninguém aparece para dar uma olhada. Tem-se a impressão de que os que se encontram lá dentro se esqueceram de mostrar que estão em casa, talvez apressados na solução dos problemas cotidianos, que não devem ser fáceis, porque a sobrevivência econômica de um dissidente soviético que vive na França sem nem mesmo falar francês tem alguma

coisa de acrobacia. Pelo que entendi, aliás, atualmente também a mulher de Plyusch, que não estava lá no momento em que foi realizada a entrevista com seu marido (ela só chegaria no momento de nossa partida e as palavras que trocamos com ela foram simplesmente de cortesia), trabalha muito para garantir esse cotidiano.



**Na estranha coleção de ovos pintados, um refúgio secreto**

Desajeitado, talvez um pouco intimidado, Plyusch nos convida a entrar até a sala de jantar, que nos reserva uma estranha surpresa: os móveis estão cobertos de ovos pintados, cuidadosamente arrumados em caixas transparentes enfileiradas. Ao notar meu espanto, Plyusch se anima e me honra com a apresentação de sua coleção. Certa vez ele já me tinha dito pelo telefone que agora deseja deixar de militar ativamente na dissidência, que está intelectualmente esgotado e se dedica a pesquisas sobre os ovos pintados e sobre as características dessa tradição popular através do mundo. Agora, ele me explica a procedência das mais belas peças de sua coleção. Todos os países estão ali representados — entre eles, é claro, a Ucrânia, seu país de origem, mas também a Alemanha, os países da Europa Central, o México, o Canadá, etc... Num colorido muito vivo, todos esses ovos são recobertos de desenhos geométricos que Plyusch deseja estudar para compará-los de acordo com sua procedência. Ele me diz que está convencido de que os temas dessa decoração estão relacionados, em todos os países, com uma mitologia comum, com uma cosmologia também

muito simples. Nessas tradições, que podem parecer um tanto folclóricas, está também, a seu modo de ver, a prova de uma cultura universal que recebemos. Eu estranho não encontrar entre os ovos arrumados naquela sala um único exemplar de origem francesa. Na minha infância, no entanto, como muito jovens de minha idade, por ocasião da festa de Páscoa pintei ovos que meus pais depois escondiam no jardim para que nós os fôssemos procurar na manhã do dia da Ressurreição. Era no Norte da França, mas parece que esse costume existiu também em outros lugares. Aconselho então Plyusch a entrar em contato com o Museu das Artes e Tradições Populares, que certamente lhe poderá dar informações sobre essa prática. Por que ele mesmo não pensou nisso? Ele fica um pouco sem jeito e começa a me explicar que a tradição dos ovos pintados provavelmente está muito relacionada com o culto aos mortos... Tenho alguma dificuldade em compreender o que ele verdadeiramente busca no estudo desses ovos e algumas perguntas que tentei em



**Um caso muito singular entre os dissidentes soviéticos**

seguida lhe fazer, para que explicasse melhor aquela correlação, ficaram sem resposta.

No decorrer da longa conversa que se seguirá — e que durará quase duas horas, por causa da lentidão da tradução — Plyusch se levantará várias vezes para apanhar, com manifesto prazer, um daqueles ovos, virá-lo e revirá-lo como que absorto na decifração de um hieróglifo do qual só ele teria o segredo. Tive a impressão de que encontrou na-

quilo uma espécie de refúgio, uma proteção diante das agressões do mundo que o rodeia. O que poderia haver de comum entre aquelas frágeis bugigangas, símbolo de uma cultura imutável, como que coladas na História, e a turbulenta modernidade deste bairro da Défense onde é realizado nosso encontro? Não há dúvida de que Plyusch encontrou ali seu jardim secreto, que ele se empenhará em defender...

Uma vez que nos pediu que não abordássemos diretamente os problemas políticos relacionados com os dissidentes, a cuja margem quer continuar, peço-lhe que me fale de suas preocupações atuais, das atividades a que dedica a maior parte de seu tempo. Como se verá, embora passem pelo estudo da cultura, essas preocupações continuam sendo essencialmente políticas. Plyusch — e é aliás isso que faz dele um caso muito singular entre os dissidentes soviéticos — deseja continuar fiel às análises marxistas e não pretende condená-las...

“Interesso-me atualmente — diz ele — pelos escritores que foram notoriamente partidários da coexistência do comunismo com o fascismo. Há alguns deles, às vezes escritores ‘oficiais’, que representam o que se poderia chamar ‘ideologia forte’, e é muito instrutivo estudar a estrutura de suas obras. Note-se, com efeito, que eles empregam a fraseologia marxista para os objetivos de uma ideologia fascista. Tentei, portanto, fazer um estudo psicanalítico dos textos desses escritores e comprovei então que em tudo aquilo transparecia um pensamento mitológico e mágico, muito mais do que se poderia crer. Podem-se apontar os pontos comuns entre os sistemas comunista e fascista, embora seus respectivos pontos de partida sejam completamente diferentes, pois o comunismo foi construído sobre bases racionalistas, enquanto o fascismo se —>